

Nos estudos sobre gêneros textuais – mulheres negras em primeiro lugar

Luciana Guimarães Nascimento¹

RESUMO

Este relato exhibe um Projeto Pedagógico desenvolvido com turma do 5º ano/Ensino Fundamental I, em uma escola pública do município do Rio de Janeiro, consistindo em uma proposta de debate sobre o trato social das Mulheres Negras na sociedade brasileira, construindo aprendizagens contextualizadas junto aos conteúdos de Língua Portuguesa e História. O compromisso foi consolidar um currículo de tendência crítica (SILVA, 2007), abordando uma narrativa interdisciplinar, e transversalizada pela temática interseccional (AKOTIRENE, 2018), fazendo dialogar conceitos como “gêneros textuais” com “diferenças sociais x desigualdades sociais” e formulando o processo ensino-aprendizagem através de sequências didáticas bimestrais, concebidas perante as inquietações suscitadas após a verificação de que o currículo escolar oficial não é fidedigno ao relato sobre a participação da população feminina negra nas passagens históricas. Ao término de uma análise precisa sobre o nível de desenvolvimento da turma, percebi a oportunidade para atribuir sentido e construir vínculo afetivo entre os alunos e conteúdos sobre os quais demonstravam dificuldades, produzindo uma *práxis* pedagógica engajada na reversão das condições subalternas às quais ainda são vistas as Mulheres Negras na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, afirmando a identidade negra, fortalecendo a autoestima dos alunos afro-brasileiros, maioria na turma em destaque. Neste Projeto, vivenciamos a efetivação de um modelo educativo antirracista e próspero à igualdade entre os gêneros, propiciando aos alunos envolvidos apreenderem que, embora invisibilizadas no currículo escolar oficial, as Mulheres Negras tiveram participação ativa na construção da História do Brasil. Através desta escolha didático-metodológica, aperfeiçoou-se uma prática pedagógica antirracista, nas aulas debatendo temas incorporados ao processo de construção da sociedade brasileira - à qual perpassam dimensões éticas, identitárias, de diversidade e relações raciais, inerentes à constituição humana -, atuando contrariamente à mera propagação dos conteúdos aglomerados no currículo escolar ao longo da história.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras; Interseccionalidade; Currículo Escolar.

¹ Mestre em Educação – UNIRIO, docente da SME/RJ e SEMED/PMQ - E-mail: lucianagnascimento@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em uma Unidade Escolar Pública, pertencente à rede municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro e localizada em um bairro na zona oeste da cidade, atendemos alunos da mesma localidade e arredores, advindos de territórios de classes populares, apresentando composição étnica-racial negra e mestiça.

Neste cenário, desenvolvi o Projeto Pedagógico “Mulheres Negras em Primeiro Lugar” durante o ano de 2016 com turma de 5º ano de escolaridade. Os estudantes sujeitos neste projeto, demonstravam apreço pelo espaço escolar e, como um espaço educativo democrático, a escola ofereceu liberdade para o desenvolvimento de práticas pedagógicas respeitadas à diversidade dos alunos e professores, acompanhando os trabalhos de forma crítica para que as ações político-pedagógicas fossem bem efetivadas.

Durante o ano de 2016, a turma do 5º ano era composta por alunos com idade entre 10 e 15 anos, na fase de desenvolvimento humano das transformações, vivenciando contradições e angústias próprias da faixa etária. Muitos expressavam problemas na autoestima, sobretudo as meninas negras, também indicavam pouco interesse pela leitura, por isso a importância de um projeto que partisse da exaltação desta prática. Havia três alunos com necessidades educacionais especiais, e em fases distintas de evolução cognitiva, necessitando de adaptações curriculares quanto aos recursos pedagógicos e conteúdos, o que não os impediu de participarem ativamente das atividades do Projeto, já que interagiram conforme seus ritmos de aprendizado, trabalhando coletivamente com os colegas da turma.

Após uma diagnose cuidadosa sobre o estágio de desenvolvimento dos alunos, organizei os registros a respeito das observações e análises feitas. A partir deste material, pude identificar que a maioria manifestava dificuldades para reconhecer e diferenciar narrativas/gêneros textuais, embora apresentassem domínio sobre a habilidade de leitura. Além disso, demonstravam bloqueios para interpretar e produzir textos com autonomia, exigindo uma sistematização específica para o aprimoramento destas competências. Percebi que alguns textos narrativos eram pouco familiares aos estudantes, ou compreendidos limitadamente diante de suas especificidades, como no caso das biografias, das lendas e dos cordéis.

Outra questão que chamou à atenção nessa sondagem, remeteu às falas dos meninos durante as rodas de conversas, pois nestas ocasiões reproduziam estereótipos sobre beleza, competência e bravura quando associavam posições de liderança às figuras masculinas, e o perfil físico ideal às mulheres brancas, provocando nas meninas negras o sentimento de inferioridade, a partir de falas como “Homem é que manda!”, ou “Mulher bonita é loira, de cabelo comprido e tem olhos azuis!”.

Perante esta diagnose, detectei a necessidade de os educandos explorarem relatos de vida inspiradores e contrários à lógica discursiva dominante. Naquela ocasião, decidi desenvolver os conteúdos ainda não compreendidos pelos alunos a partir das memórias acerca de personagens que desempenham/desempenharam papéis significativos e marcantes no decorrer da História, em vários momentos rompendo com o modelo social e regras estabelecidas.

Foi então que desenhei uma proposta de trabalho cuidadosa em aproximar os discentes das personagens históricas não hegemônicas, reforçando o vínculo identitário entre eles. Neste movimento, também busquei garantir o fortalecimento da autoestima positiva para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, a partir do sentimento de representatividade (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010) enquanto reconhecimento entre semelhantes, problematizando informações, relacionando eixos temáticos favorecedores de pontos comuns para debates, alinhando o trabalho ao longo do processo.

Com isso, foi possível arquitetar um caminho para o trabalho partindo de textos informativos e agregando informações com apoio de diferentes recursos audiovisuais. Ademais, uma possibilidade de comunicação entre conteúdos elencados nas áreas de Língua Portuguesa e História foi criada, destacando a Mulher Negra como protagonista na apresentação de gêneros textuais e orientando o debate sobre diferenças sociais x desigualdades sociais, um conteúdo específico desta etapa da escolarização, caracterizando as distintas formas de discriminação contra mulheres.

2. AS BASES DO PROJETO

Após analisar os conteúdos dispostos no currículo escolar do 5º ano de escolaridade, constatei o apagamento de personagens femininas nos fatos históricos. Ao realizar um recorte étnico-racial, detectei ausência de referências positivas relacionadas às Mulheres Negras, pois estas, nas poucas passagens que aparecem, geralmente são pautadas por rótulos sustentadores de uma visão negativa, remetendo à figura da mulher negra escravizada no passado, ou, no presente, subalternizada. Em geral, estas mulheres são associadas a habilidades pouco valorizadas socialmente, invisibilizadas nos campos político e intelectual, não recebendo tratamento compatível à importância de suas participações nos fatos históricos.

Diante desta realidade, considereei reconstruir o currículo escolar no cotidiano, contextualizando os conteúdos e expectativas de aprendizagens listados nas áreas de Língua Portuguesa e História programados para o 5º ano, colocando a Mulher Negra como protagonista na apresentação dos conceitos sobre gêneros textuais e diferenças sociais x desigualdades sociais, problematizando as distintas formas de discriminação contra mulheres.

Seguindo uma linha de ação consonante à tendência pedagógica progressista, na qual o conhecimento compreende dados globalizados e contextualizados, e a sala de aula reflete um espaço de interação aberto às múltiplas dimensões dos saberes. Desta forma, procurei alcançar a tradução do currículo escolar em Projetos de Trabalho, almejando

“...a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação ao tratamento da informação; a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas e hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos; a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio” (HERNÁNDEZ;1998, p.61).

O objetivo geral do Projeto “Nos estudos sobre gêneros textuais – Mulheres Negras em Primeiro Lugar” foi contextualizar conteúdos partindo de uma prática pedagógica produtora de referencial positivo sobre mulher e negritude, para assim reafirmar laços identitários e a autoestima dos estudantes, majoritariamente negros e mestiços, através de saberes sobre personagens célebres que, embora não fictícios, são ignorados pela versão oficial da História.

O Projeto foi dinamizado através de sequências didáticas bimestrais, envolvendo atividades como: rodas de leitura com textos jornalísticos/informativos; textos bibliográficos; cordéis sobre Mulheres Negras (Jarid Arraes); livros “As mulheres e os homens” (Coleção Boitatá-Boitempo) e “As lendas de Dandara” (Jarid Arraes); Poema “Heroínas Negras”; trechos dos livros “Quarto de Despejo” (Carolina Maria de Jesus) e “Carolina” (Sirlene Barbosa e João Pinheiro); apresentação de imagens/fotografias; documentários “Era uma vez outra Maria” e “Maria – a história das mulheres no Brasil”; filme “Njinga – a rainha de Angola” (2014); livros animados e curtas do Projeto “A cor da cultura”: “A menina transparente”, “Heróis de Todo o Mundo” (Antonietta de Barros, Chiquinha Gonzaga, Carolina Maria de Jesus, Tia Ciata); animação “Dandara de Palmares”; Vídeos do Canal Youtube de PhCôrtes – Meus Heróis Negros Brasileiros: Luisa Mahin, Ruth de Souza, Teresa de Benguela. Entre os recursos materiais foram necessários Livros; Aparelhos de Multimídia (Data Show/Notebook); Cartolinas; Jornais e revistas; Fotografias/Imagens.

3. DESENVOLVENDO O PROJETO

Primeiramente, o debate sobre a questão da Mulher na sociedade configura um conteúdo específico do 5º ano de escolaridade no currículo de História e, reconhecendo a importância de colocar na pauta as problemáticas que rodeiam este tópico, inclusive em respeito à Lei Municipal Nº 5.858/2015 que “Institui a Campanha Permanente de Combate ao Machismo e Valorização das Mulheres nas

escolas públicas do Município do Rio do Janeiro”, iniciei o ano letivo esboçando caminhos para sustentar o assunto de forma interdisciplinar.

Nesse sentido, aproveitando um momento de reflexão criado durante a “Semana da Mulher”, uma ação pedagógica que envolveu toda a Unidade Escolar, busquei examinar com a turma a condição social das Mulheres na atualidade, fomentando pensamento crítico perante o reconhecimento do cenário de opressão no qual estamos inseridas, estimulando um debate profundo sobre esta situação com os alunos, almejando despertar nestes a inconformidade com o modelo social estabelecido.

Deste modo, surgiu a primeira sequência didática, “As Marias do Brasil: belas e da luta”, ainda não pensada como ação de um Projeto, no entanto, já estruturada como uma prática político-pedagógica. Com esta sequência, contextualizamos saberes e questionamos a forma segundo a qual as diversidades são transformadas em desigualdades no âmbito social, pois incentivei indagações relacionadas à opressão, inferiorização e limitação da cidadania das Mulheres no Brasil.

Os procedimentos desta sequência didática se estenderam pelo mês de março e compreenderam atividades sucessivas e complementares, tais quais:

- 1º) Leitura de texto informativo sobre a origem do Dia Internacional da Mulher, seguida por análise de linha do tempo com destaque para fatos relevantes ao reconhecimento da importância que as Mulheres representam para a sociedade;
- 2º) Assistir ao filme “Valente” e, a partir do filme, interpretar sua sinopse; destacar as características da personagem principal; relacionar situações vivenciadas pela personagem no filme com a realidade das meninas na vida real, conduzir à reflexão sobre estereótipos fortalecidos no meio social, almejando a sua desconstrução e registro escrito sobre o filme;
- 3º) Assistir a trecho da animação “Era uma vez outra Maria” para debater sobre direitos da Mulher, questionando a limitação de suas ações no meio social, em comparação com o gênero masculino (mulher pode x mulher não pode);
- 4º) Apresentação da música “Maria, Maria” (Milton Nascimento) seguido de leitura e compreensão sobre a letra, estudo sobre a estrutura textual e interpretação escrita;
- 5º) Assistir videoclipe da música “Maria, Maria” (Milton Nascimento), com imagens de diferentes estilos de Mulheres, instigando a reflexão: “Quem são as Marias do Brasil?”. Analisamos socialmente o nome “Maria” e seus sentidos implícitos no contexto brasileiro;
- 6º) Retorno à música e análise da letra para identificação de sentidos tácitos: reflexão sobre o efeito de sentido dos versos “é preciso ter sonho sempre” / “ter fé na vida” – análise dos significados das palavras “sonho” e “fé”;

- 7º) Produção escrita individual sobre as palavras destacadas na música, a partir das percepções individuais de cada aluno;
- 8º) Exibição do documentário “Maria – a história das Mulheres no Brasil”. Reflexão sobre as diferentes formas e possibilidades de atuação das mulheres no meio social, incluindo atividades remuneradas (profissão) e não remuneradas (ocupação). Debate sobre o potencial da Mulher para desempenhar diferentes funções na sociedade. Relacionar com a vida prática dos alunos em seus diversos contextos de vivência;
- 9º) Seleção de imagens de diferentes estilos de Mulher para montagem de cartaz e destaque de palavras que simbolizam a resistência da Mulher na Sociedade para montagem de cartaz;
- 10º) Produção textual coletiva: Poema sobre as Mulheres;
- 11º) Fotografias das meninas da turma e montagem de cartaz com o tema: “Semeando o jardim das futuras mulheres”;
- 12º) Roda de leitura com o livro “As mulheres e os homens” seguida de debate sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, na tentativa de desconstruir estereótipos;
- 13º) Produção de Textos opinativos com respostas às questões: “O que você acha que meninas e mulheres podem fazer, mas sociedade reprime ou diz que não pode” e “O que podemos fazer para reverter este quadro”.

No desenrolar desta primeira sequência, constatei que o imaginário dos alunos estava influenciado por preconceitos, estigmas e estereótipos sobre a diversidade feminina, e intui a importância de dar prosseguimento a este assunto. Como caminho, optei pelos estudos sobre gêneros textuais, já que um trabalho específico para o alcance das habilidades correlacionadas a este conteúdo apareceram como necessidade imediata, em razão das limitações identificadas nas avaliações iniciais sobre os níveis de aprendizagem dos estudantes.

Isto posto, segui à estruturação de um Projeto Pedagógico capaz de relacionar os conteúdos nos quais foram identificadas as principais dificuldades dos alunos. Surgiu, então, o “Nos estudos sobre gêneros textuais – Mulheres Negras em Primeiro Lugar”, na tentativa de dialogar com a Proposta Pedagógica da Unidade Escolar para aquele ano, que sugeria a música como ponte para o processo ensino-aprendizagem, intitulei o projeto parafraseando a canção de Benito de Paula, “Mulher Brasileira em Primeiro Lugar”.

As atividades para fixação dos conceitos curriculares destacados prosseguiram a partir da estruturação de posteriores sequências didáticas (duas bimestrais e a última trimestral) desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2016, contextualizando conteúdos, expectativas de aprendizagens e objetivos/metade de trabalho elencados como prioridade a partir da diagnose inicial.

Partindo desta proposta, outras demandas constatadas ao longo do processo ganharam espaço. Integramos saberes através de recursos didático-pedagógicos motivadores ao processo ensino-aprendizagem, enfatizando personagens negras ocultadas no currículo escolar do 5º ano de escolaridade. Assim, subvertemos a realidade de apagamento destas mulheres que não aparecem listadas nos programas de escolarização da etapa do ensino-aprendizagem em destaque, superando o fato de serem ignoradas nos livros didáticos, embora constituam-se como figuras de importância significativa em diferentes momentos históricos, tanto no Brasil quanto fora dele.

Perante uma propositura pedagógica estruturada, e com objetivos bem definidos, surgiu a segunda sequência didática no rastro de um projeto de trabalho que buscou colocar o continente africano, e suas relações com o Brasil, em evidência. A sequência “Mulheres Negras em Diáspora - entre Africanidades e Brasilidades”, nos permitiu estudar sobre mulheres africanas de realce em seu país/continente de origem - Njinga (rainha angolana) e Theresa Kachindamoto (senadora e líder feminina no Malawi) -, e outras que foram sequestradas de seu país de origem e trazidas para o Brasil durante o sistema escravista - Anastácia, Zeferina, Luísa Mahin, Thereza de Benguela e Maria Felipa -, apresentando aos estudantes Mulheres que se destacaram/destacam como representação positiva.

O propósito desta etapa foi superar o tratamento marginal ao qual estiveram submetidas as mulheres africanas, em diáspora ou no próprio continente, consolidando referencial positivo e, dessa maneira instigando o empoderamento feminino acompanhado pelo respeito e valorização da figura da Mulher Negra, desconstruindo o arquétipo social negativo que a cerca.

A sucessão de atividades que ocorrera dentro deste recorte foi desencadeada com suporte de investigações sobre a colonização portuguesa, apontando que esta não ocorreu apenas no Brasil. Fundamentada nesse entendimento, destaquei a personagem angolana Njinga explorando aspectos da sua vida a partir da exibição do filme “Njinga – a rainha de Angola” (2014). Este foi o pontapé para investigarmos outras mulheres que se destacam/destacaram no continente africano desempenhando ações de bravura e inteligência, incluindo aquelas vítimas do sistema escravagista no Brasil.

Nesse contexto, trabalhei com os alunos a diversidade que constitui as Mulheres Negras, ao mesmo tempo dando ênfase às lutas que as aproximam nas Américas, sobretudo na América Latina, onde encontramos a maior população negra em diáspora. Esse contexto possibilitou debatermos o ‘Dia da Mulher Afro-latino-americana e Afro-caribenha’, o 25 de julho, que no Brasil também é estabelecido como o “Dia nacional de Teresa de Benguela”, destacando a história de vida dessa personagem ocultada nos materiais pedagógicos oficiais, e construindo um entendimento múltiplo sobre as Mulheres Negras.

Este estudo rendeu a produção de um cartaz destacando a multiplicidade que afeta o gênero feminino e a negritude, instigando respeito sobre os diferentes modos de ser, focando na exposição visual na intenção de debater os tantos preconceitos voltados à aparência da Mulher Negra. Os exercícios que pautaram esta etapa do projeto na sala de aula compreenderam a análise de imagens, textos informativos e apreciação das histórias de vida que aparecem registradas nos livretos de cordéis produzidos pela autora Jarid Arraes, aproveitando para, neste movimento, introduzimos as investigações sobre a literatura de cordel.

Transversalizando os conteúdos curriculares elencados para a turma, potencializei os debates destacando a importância da Mulher nos fatos históricos apresentados, e a organização das pautas se estendeu em novas etapas da seguinte maneira:

1º) Uma líder que resistiu e lutou contra a escravidão do seu povo: Njinga - Leitura, Compreensão e Interpretação de texto biográfico sobre Njinga; Apresentação do filme “Njinga – a rainha de Angola” (2014); Pesquisa complementar sobre Rainhas e Princesas Africanas realizada pelos alunos;

2º) Mulheres que fazem a diferença hoje: Theresa Kachindamoto (líder feminina no Malawi) - Aproveitei o debate sobre vacinas e doenças ainda não curáveis, HIV e violência contra meninas e mulheres, para apresentar a líder que no Malawi ajuda mulheres e garotas de sua comunidade, e já anulou mais de 850 casamentos forçados, colocou meninas na escola e começou uma luta para abolir rituais que iniciam crianças sexualmente. O estudo sobre esta Mulher aconteceu pautado na leitura de matérias jornalísticas;

3º) Africanas em Diáspora no Brasil: Anastácia, Zeferina, Luísa Mahin, Thereza de Benguela e Maria Felipa - Leitura, Compreensão e Interpretação de textos em Cordel (Jarid Arraes) contendo as biografias dessas Mulheres; Projeções em Power Point com imagens destas Mulheres; Debates sobre as privações impostas às mulheres e as violências às quais foram submetidas, comparando com os dias de hoje, Reflexão à negação ao protagonismo feminino em fatos históricos; Apresentação dos vídeos contidos no Canal Youtube de PhCôrtes: Luiza Mahin - meus heróis negros brasileiros e Teresa de Benguela - meus heróis negros brasileiros;

4º) Produções de Textos, com a proposta de elaborar as biografias das protagonistas desta etapa, em grupos.

Os primeiros sinais da positividade do trabalho desenvolvido começaram a surgir durante esta segunda sequência didática, quando os alunos passaram a demonstrar transformações no discurso sobre concepções iniciais relacionadas à figura da Mulher Negra. Através de falas como “Todas as meninas são bonitas!”, “Eu também posso ser bailarina!”, “Mulher também pode lutar!”, além de demonstrações da identificação com as personagens trabalhadas, colocando-as

como protagonistas em produções textuais, em algumas ocasiões, apontando interesse em ampliarem conhecimentos sobre elas através de pesquisas individuais autônomas.

Devido ao suporte das dinâmicas em grupos, foi permitido aos alunos participarem conforme suas possibilidades e níveis de maturação cognitiva específicos para aquisição dos conhecimentos, já que a integração estimulou a cooperação e o respeito às singularidades inerentes aos indivíduos, promovendo a valorização das diversidades presentes na turma.

Seguimos contextualizando saberes através de exercícios que destacaram Mulheres Negras participantes na História do Samba, já que em 2016 comemoramos o centenário dessa expressão artístico-cultural que é marca identitária da cidade do Rio de Janeiro. Assim, nasceu a sequência intitulada “Samba também é assunto de Mulher!”, forjada como consequência da admiração manifestada pelos alunos à Chiquinha Gonzaga, após serem apresentados às marchinhas carnavalescas e aspectos da vida desta personagem histórica.

Durante os estudos envolvendo a primeira mulher que regeu uma orquestra no Brasil, construídos a partir de recursos como vídeos (Heróis de Todo Mundo – A Cor da Cultura) e textos informativos sobre a artista, instigui reflexão crítica em relação a forma como ela ainda é descrita quando retratada em alguns livros e novelas: embranquecida.

Continuamos contextualizando a História do surgimento e crescimento do samba no Rio de Janeiro destacando outras Mulheres Negras fundamentais ao fortalecimento desta manifestação cultural. Para isso, utilizamos as pesquisas feitas pelos alunos sobre dados pertinentes às investigadas, pontuando informações como, data de nascimento e passagens significativas das artistas na história do samba, com a intenção de assinalar características do texto biográfico e oportunizar a produções deste gênero pelos alunos.

As etapas que garantiram o alcance das metas planejadas para esta etapa do Projeto foram:

1º) Apresentação, através de vídeos e textos informativos sobre Mulheres como Dona Ivone Lara, Tia Maria do Jongo, Tia Surica, Alcione e outras, que durante a História do Samba romperam com o paradigma de dominação masculina ao desempenharem ações em instâncias e espaços legitimados como de domínio masculino, concedendo-lhes um protagonismo, outrora negado, que na História do Brasil e, conseqüentemente, no currículo escolar oficial, não é valorizado.

2º) Mediação de debates a partir da estruturação das biografias destas mulheres, enfocando na importância que representam/representaram para o desenvolvimento e consolidação do Samba no Rio de Janeiro, assim como ressaltar seus feitos no interior desta expressão artística e cultural;

3º) Exibição de fotografias nas quais estas mulheres apareciam retratadas, assim como vídeos em que apareciam em destaque, para o reconhecimento e identificação destas personagens como negras;

4º) Expansão da pesquisa por grupos, com a proposta de construção de Linha do Tempo, relacionando o desenvolvimento social das personagens do samba com fatos históricos;

5º) Produção de textos no modelo biográfico, em grupos, e organização de cartaz para exposição.

Vale ressaltar, que os conteúdos elencados neste plano foram desenvolvidos de forma gradativa, respeitando as dificuldades percebidas no decorrer da aplicação da metodologia desenhada, promovendo a interdisciplinaridade com respeito ao ritmo de crescimento dos discentes, avançando e recuando conforme as análises concomitantes sobre o progresso dos envolvidos. O interesse foi suscitado apoiado no uso de materiais audiovisuais adequados à faixa etária, instigando curiosidade a respeito do tema central com suporte de questões acerca do conhecimento hegemônico, provocando a diferenciação entre fatos x versões por meio da prática de pesquisa.

O trabalho coletivo fez-se valoroso a partir de atividades investigativas - em duplas e/ou em quartetos -, sob a minha supervisão enquanto professora, mediando o processo ensino-aprendizagem estimulando a interação entre os estudantes. Por meio do atendimento em grupos foi possível aproximar saberes e níveis de desenvolvimento, mas também dar espaço à relação afetiva entre os implicados, despertando nestes os sentimentos de respeito, solidariedade e empatia, transformando os momentos de atividades coletivas em circunstâncias de prazer.

O Projeto ganhou força e continuou com a sequência “Mulheres que inspiram – Força e Resistência”, onde apontamos Mulheres que conseguiram ultrapassar barreiras sociais para se destacarem em áreas de atuação estabelecidas como lugar de poder opressivo à negritude, com pouca representatividade para população negra e, habitualmente sexista, possibilitando assim maior visibilidade aos homens e mulheres brancas.

Logo, realçamos as biografias de Antonieta de Barros, Ruth de Sousa, Mercedes Baptista, ressaltando os paradigmas por elas rompidos e o valor simbólico de suas atuações nas áreas específicas: política, já que Antonieta foi a primeira deputada estadual negra do país e primeira deputada mulher do estado de Santa Catarina; dramaturgia, Ruth foi a primeira atriz negra a representar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro; dança/balé, Mercedes se destacou como a primeira negra a fazer parte do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Neste movimento, as investigações em portais como “Projeto a Cor da Cultura”, “Fundação Cultural Palmares” e “Museu Afro-Brasil”, e textos jornalísticos como fonte, possibilitaram aos alunos se entrosarem com, e fortalecerem, a prática da pesquisa.

No segundo momento, as mulheres destacadas foram a atriz/cantora/jornalista/poeta Elisa Lucinda, e Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras do Brasil, quando seguimos explorando as produções artístico-culturais das evidenciadas, conhecendo um pouco de suas obras. Na ocasião, apresentei livros escritos por elas, tanto no modelo físico como em animações (Livros Animados - A Cor da Cultura), e através deste material os alunos tiveram contato com os gêneros poema e diário, visto que na ocasião apresentei o livro “A menina transparente” de Elisa Lucinda, possibilitando uma análise sobre o texto poético; e trechos do livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, no qual identificamos características do gênero textual diário.

Enveredamos nas investigações a respeito das características que constituem os gêneros textuais até aqui elencados no Projeto, envolvendo as reflexões sobre o valor social de Mulheres Negras pouco evidenciadas em fatos históricos e em posições de liderança. Neste caso, debatemos a importância das lideranças femininas na resistência ao sistema escravista, atuando em Quilombos, inclusive destacamos as Mulheres que estiveram envolvidas com um dos mais famosos espaços de resistência negra no Brasil, o Quilombo de Palmares.

Ao debatermos o Dia da Consciência Negra, conteúdo elencado no currículo escolar através da Lei 10.639/03, mas que acaba resumido a figura de Zumbi dos Palmares, busquei destacar as Mulheres que estiveram envolvidas com esse território de resistência a partir das narrativas em cordéis que exibem aspectos sobre as vidas de Aquilone e Dandara de Palmares. Essas investigações nos levaram ao debate sobre lenda x mito, quando foram destacadas as peculiaridades do gênero lenda através da leitura de capítulos do livro “As lendas de Dandara” (Jarid Arraes).

Cabe ressaltar que, em princípio, o Projeto se esgotaria no primeiro semestre letivo do ano de 2016, no entanto, diante do envolvimento dos alunos com a temática, e as possibilidades de abordagens descobertas no transcorrer das atividades, os trabalhos se estenderam para o segundo semestre daquele ano, tendo acontecido efetivamente entre os meses de abril a novembro, originando um fechamento na semana da Consciência Negra.

Neste momento, os estudantes puderam apresentar os saberes construídos durante o desenvolvimento da proposta às demais turmas da Unidade Escolar, através da exposição dos cartazes produzidos ao longo do Projeto. Realçando os textos biográficos produzidos nos grupos e baseados nos registros pontuados durante as pesquisas sobre as figuras destacadas, acompanhados pelos retratos das protagonistas, o material produzido e apresentado às demais turmas da escola, instigaram a desconstrução de preconceitos que atingem a imagem da Mulher Negra.

Por intermédio dessa metodologia, busquei possibilitar aos alunos o alcance de vínculo identitário com as personagens destacadas, ao mesmo tempo em que facilitava a construção de conhecimentos atribuindo significância aos conceitos, contextualizando os conteúdos e fomentando a reconstrução do imaginário repleto de preconceitos exibido pelos educandos antes de iniciarmos esta proposta de trabalho.

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

Após a efetivação do Projeto, identifiquei que os objetivos traçados foram alcançados, já que o envolvimento dos alunos com o tema proposto contribuiu para o progresso cognitivo dos envolvidos. A partir do segundo bimestre, pude identificar através de observação cotidiana, provas sistematizadas e trabalhos de pesquisa, avanços no desempenho em relação aos conteúdos contextualizados, constatando a consolidação de aprendizagens ao final do ano letivo, quando os alunos da turma manifestaram entendimento acerca das exigências para avançarem à próxima etapa do processo ensino-aprendizagem.

Os alunos foram considerados aptos para prosseguirem seus estudos no 6º ano de escolaridade tendo, a maioria, alcançado a construção de habilidades pertinentes à etapa do ensino cursada.

É adequado ressaltar que, em relação às aprendizagens conquistadas pelos alunos incluídos, e diante das adaptações curriculares propostas, merece destaque o alcance por eles do desenvolvimento e domínio sobre a leitura e compreensão de textos, com autonomia, o que também lhes possibilitou a continuidade dos estudos em etapa subsequente no processo de escolarização.

À vista disso, inferi que o desenho cuidadoso desta proposta de trabalho culminou em uma aproximação entre os alunos e as personagens históricas não hegemônicas destacadas, realocando posições, reconstituindo narrativas, dialogando com o alerta que a escritora nigeriana Chimamanda Adiche nos faz sobre o perigo das histórias únicas, dado que "Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida" (ADICHE; TED/2009).

Com este fundamento, pude explorar as habilidades de leitura e compreensão sublinhando o contato com textos informativos, biografias, poemas e literatura de cordel contextualizados nos debates sobre as desigualdades que afetam o gênero feminino e o racismo que assola nossa sociedade.

Através deste trabalho, desenhei um movimento pedagógico consonante às recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, no âmbito da Lei 10.639/03, atualmente complementada

pela lei 11.645/08, que altera o Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96).

Ao optar pela edificação de um currículo interdisciplinar, pautado no domínio da leitura e integrando conceitos comumente subalternizados, consolidei um movimento pedagógico contrário à perspectiva de colonialidade, na qual o modelo europeu é compreendido como universal (Oliveira; Candau, 2010), para destacar a decolonialidade, já que a ordem hegemônica foi subvertida com a apresentação dos conteúdos escolares integrando conhecimentos através de um recorte sobre as diversidades de gênero, raça e classe.

Ressalto que nossos alunos apresentam potencial para o pleno desenvolvimento cognitivo diante das exigências do modelo que caracteriza a educação formal. No entanto, eles precisam se sentir representados, incluídos nas práticas educativas para que possam criar laços identitários com os conteúdos apresentados. Para isso, nosso papel enquanto Professores é deixar de perpetuar lógicas simbólicas hierarquizadas de representações, construídas historicamente, que condicionam ou regulam as ações e comportamentos dos indivíduos.

Cabe afirmar que, por meio do Projeto “Nos estudos sobre gêneros textuais – Mulheres Negras em Primeiro Lugar” vivenciamos uma abordagem educativa progressista, edificada por intermédio de práticas pedagógicas críticas, reflexivas e transformadoras, consolidando, então, uma educação problematizadora para a compreensão do real, entendendo o indivíduo como construtor de sua própria história em busca da transformação social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Alicerçada neste Projeto Pedagógico em destaque, percebi uma ruptura com a homogeneidade do sistema social que age favoravelmente à marginalização dos indivíduos negros, em especial as Mulheres Negras, e encontra legitimidade nas omissões observadas nos espaços educativos formais em relação ao trato pedagógico desta temática, ou mesmo no reforço de representações equivocadas sobre a população africana e afro-brasileira. Essa postura constituidora de uma visão positiva à compreensão do gênero feminino e da negritude favoreceu a contextualização dos conteúdos destacados, reafirmando laços identitários e a autoestima dos estudantes ao estimular a desconstrução da versão oficial concernente a História, excludente e marcada pelo sexismo e racismo.

Ao instigar reflexões sobre o tema, favorecendo o diálogo entre os alunos e cedendo espaço para que suas dores e angústias fossem externalizadas, notei que os estudantes se colocaram mais disponíveis aos novos aprendizados e envolvidos pela motivação para desempenharem as atividades propostas.

Como forma de dar continuidade a esta prática pedagógica com outras turmas, acredito ter importância ampliar o debate destacando outras personagens que não couberam neste projeto, e que muitas vezes fazem parte do contexto no qual os alunos estão envolvidos. Fazendo-os perceberem que os indivíduos aos seus redores também são detentores de saberes, e precisam ser valorizados por isso. Neste sentido, caberia estendermos os debates sobre gênero incluindo os representantes negros masculinos, que também são invisibilizados no currículo oficial.

Diante de uma realidade na qual mais da metade da população brasileira é negra e mestiça – dados do IBGE informam que a população negra e mestiça no Brasil corresponde a 54% -, não podemos mais ignorar a urgência pela construção de (re)conhecimento e valorização dos elementos constituidores da cultura e identidade dos afro-brasileiros no cotidiano educativo formal. Faz-se urgente um atravessamento amplo nos conteúdos historicamente legitimados, no bojo das diferentes áreas de conhecimento, instigando reflexões e desconstruindo a conformidade acerca do lugar legado às minorias em nossa sociedade.

Desenvolvendo esta ação pedagógica, detectei que a opressão à qual a população negra e as Mulheres no Brasil, ainda no século XXI são afetadas, é um desafio para ser abraçado pela escola como instituição. É habitual acontecer a perpetuação de angústias sociais nesses espaços, em circunstâncias comuns no dia-a-dia, como na depreciação ao ser negro através da diminuição social dos seus traços identitários e na reprodução de narrativas preconceituosas sobre comportamento de meninas e mulheres.

Por isso, a consolidação de uma consciência sobre os infortúnios sofridos pela Mulher Negra e a necessidade de sua reversão, somente será possível a partir de um trabalho exaustivo sobre o tema. Será importante preceder a abordagem por pesquisas embasadas capazes de superar o senso comum que reforça a desvalorização e o desgaste da autoestima dos considerados minorias comunitárias, por não integrarem uma categoria com representatividade compatível, e a instituição escolar não pode se esquivar desta realidade.

Compete possibilitarmos a todos os alunos o acesso a dados históricos que tenham significância para os envolvidos, porque negar a História configura-se como uma forma de controle social e ideológico, que durante muito tempo serviu à construção da identidade brasileira desprovida de conteúdo racial (LIMA, 2009).

É preciso oferecer aos discentes uma formação que respeite e valorize a diversidade de gênero e étnico-racial e, isso precisa acontecer não apenas em datas comemorativas específicas, com pequenos projetos soltos, desconexos, mas sim durante todo o processo de aprendizagem. Percebi que desta forma, estará garantida a construção de um currículo multicultural, contrariando o sexismo e o etnocentrismo para preservar valores democráticos, que poderão culminar na

desnaturalização das diferenças sociais diante de práticas pedagógicas contrárias as discriminações de gênero e raça.

O professor instrumentalizado por meio de formação específica para o trato pedagógico sobre gênero e raça poderá desempenhar a importante e fundamental tarefa de ampliar o recorte limitado sobre a História, e alargar as possibilidades de contextualização dos conceitos que compõem os currículos escolares, desconstruindo visões estereotipadas veiculadas subjacentes. E ainda, com estudos pautados em uma pedagogia para o respeito às diversidades, amplia-se a compreensão sobre as relações de poder existentes entre todos os grupos humanos, proporcionando força ao trato pedagógico do respeito às diferenças em negação as desigualdades.

Um trabalho comprometido com a desconstrução do *status quo* envolve dedicação à pesquisa, e abertura para novas aprendizagens, alcançadas, inclusive, como consequência da interação com os alunos, já que estes também têm muito a nos ensinar. Cada agrupamento de discentes apresenta uma característica e um conjunto de demandas relacionadas à aquisição de novos saberes, por esse motivo cabe averiguarmos o nível de desenvolvimento cognitivo no qual se encontram e as questões sociais que os acompanham, para a partir disso delinear práticas pedagógicas congruentes à rejeição de padrões estéticos opressores incorporados pela sociedade, facilitando o debate a favor da desconstrução de estereótipos, favorecendo a autoestima que é moldada por intermédio da afirmação de identidades.

A formação cidadã deve ser o foco do processo educativo, almejando transformar os sujeitos envolvidos em protagonistas, contemplando valores éticos que pautem o respeito às diferenças nas relações sociais, contribuindo para o desenvolvimento pleno dos indivíduos a partir da revisão de posições, valores, representações e convenções que dizem respeito aos atores na escola. Múltiplos são os recursos e estratégias pedagógicas disponíveis, mas ao optar pela contextualização de conceitos efetivando a interdisciplinaridade, os Professores precisarão atentar para o fato de que estudos e pesquisas prévias são fundamentais à condução verossímil do encadeamento dos ensinamentos e experiências bem planejados.

No decurso das sequências didáticas que fundamentaram o Projeto, depreeendi que quando se percebem tendo vez e voz no processo educativo, os alunos passam a se envolver com dedicação, pois a motivação inspira a busca por novas competências, atenuando a complexidade que cerca as relações escolares.

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> Acesso em 15/09/2015.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.

BRASIL. *Lei n° 9.394*. Ministério da Educação, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. *Lei n° 10.639* “Que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática – História e Cultura Afro – brasileira – e, dá outras providências”. Ministério da Educação. Brasília, 9 de janeiro de 2003.

BRASÍLIA. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Ministério da Educação, Distrito Federal, Outubro de 2004.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da; CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz. A construção da identidade afrodescendente. *Revista África e africanidades* - ano 2; n 8, fev. 2010- ISSN 1983-2354.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na escola: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIMA, Mônica. *Enfrentando os desafios: a história da África e dos africanos no Brasil na nossa sala de aula*. Rio de Janeiro. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto. Acesso em: 04/04/2009.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Lei Municipal N° 5.858*. “Que Institui a Campanha Permanente de Combate ao Machismo e Valorização das Mulheres nas escolas públicas do Município do Rio do Janeiro”. Secretaria Municipal de Educação, Rio de Janeiro, 11 de maio de 2015.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2007.